

PLANTÃO DE ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO: UMA ESCUTA IMPLICADA COM AS INTERSECCIONALIDADES

DANIELLE SOARES MAURELL¹ ELIANA DUARTE DA ROCHA²;
MÍRIAM CRISTIANE ALVES³

¹Universidade Federal de Pelotas – daniellemarell@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – elianadr2010@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A escuta psicológica é um gozo que nem todo sujeito tem o privilégio de desfrutar, mesmo tendo um papel significativo, quando se trata de saúde mental, do sofrimento psíquico, como também da elaboração subjetiva e da qualidade de vida. Fomentar e propor uma Psicologia para todas as pessoas é fugir dos nichos da hegemonia e trilhar os caminhos da pluralidade, seja a partir da escuta clínica, assim como da relação e da interpretação construída no encontro entre sujeito atendido e psicoterapeuta. O problema da colonização e das sociedades colonizadas, comporta não apenas a interseccionalidade (GONZALEZ, 1980/2018; COLLINS, 2021) de condições objetivas e históricas, mas também a atitude do humano diante dessas condições (FANON, 2020).

A visão acerca da Psicologia, enquanto ciência e profissão, segundo as autoras BENEDITO e FERNANDES (2020, p.13), diante o contexto da clínica, é de que se

compreenda os fenômenos psíquicos a partir das questões apresentadas nas singularidades dos sujeitos. Contudo, entendendo-se a constituição subjetiva como produzida nos vínculos sociais e grupais, essa singularidade só será escutada se contemplarmos as vicissitudes de sua relação a estruturas sociais.

O projeto de extensão “Diz Ai” a partir da sua clínica ampliada com seu plantão de acolhimento psicológico, busca promover e viabilizar uma escuta clínica atenta, situada, localizada e encharcada pela luta antirracista e feminista. Isso não significa dizer que o plantão é apenas para pessoas negras e para mulheres militantes, mas sim para todas as pessoas que procuram o serviço, o que nos diferencia é a escuta clínica situada nas relações interseccionais de poder que influenciam as relações sociais e inscrevem subjetividades.

O presente trabalho tem como objetivo compartilhar experiências da atuação de duas estudantes de psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), ao longo do Estágio Específico “Psicologia e Processos de Prevenção e Promoção da Saúde” I e II, a partir do projeto de extensão “Diz Ai”, junto ao plantão de acolhimento psicológico, bem como refletir sobre as reverberações e colaborações para/com a comunidade acadêmica e comunidade externa.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, que lança mão da pesquisa documental, através de dados existentes e fornecidos por arquivos do próprio projeto de extensão, como também dos espaços e serviços que alocam o mesmo,

como o Serviço Escola de Psicologia (SEP) da UFPel. Os documentos foram analisados considerando o período de fevereiro a agosto de 2023.

O SEP fica localizado no Centro de Epidemiologia da UFPel, Dr. Amílcar Gigante. Nesse espaço acontece o plantão de acolhimento psicológico ao longo de quatro dias da semana: terças-feiras e quartas-feiras pela manhã, das 8h30 às 11h30; e quinta-feiras e sextas-feiras pela tarde, das 14h às 17h. O plantão é aberto para a comunidade interna e externa da UFPel, pode ser acessado via formulário divulgado nas redes sociais ou por demanda espontânea, nos horários estabelecidos.

Além dos atendimentos semanais, no plantão, as estagiárias se reúnem duas vezes por semana com a professora orientadora. Em um dos dias são discutidos casos clínicos, alinhado discussão técnica com o referencial teórico. No segundo dia é realizado um grupo de estudo a partir de referenciais teórico-epistemológicos contra hegemônicos, na perspectiva de abrir e ampliar a escuta clínica das estudantes. A educação como prática da liberdade e a ideia de superação do sistema-mundo (MONTEIRO, 2021) são balizadoras destes encontros formativos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente com base nos dados coletados, a procura pelo plantão de acolhimento psicológico via formulário online foi de 65 (sessenta e cinco) pessoas, no período de fevereiro a agosto de 2023. Destas pessoas, 41 (quarenta e uma) são estudantes da UFPel (graduação ou pós-graduação) e 24 (vinte e quatro) da comunidade externa. Do total das pessoas que procuram o plantão de acolhimento psicológico, 21 (vinte e uma) delas são pretas, 11 (onze) pardas, 20 (vinte) brancas e 1 (uma) indígena. Quando ao gênero, 44 (quarenta e quatro) são mulheres cis, 8 (oito) homens cis, 2 (duas) não binárias, 6 (seis) responderam “outro” e 2 (duas) optaram por não responder. No que se refere à procura do plantão por demanda espontânea, o serviço foi procurado por 20 pessoas. Das quais 8 (oito) retornaram para um novo acolhimento psicológico e 3 (três) seguiram frequentando o acolhimento de forma regular, até a possibilidade do encaminhamento à psicoterapia grupal e/ou individual no SEP.

O plantão de acolhimento psicológico, se propõe à escuta das pessoas no momento em que suas emoções e sentimentos são manifestadas de forma latente e sem hora marcada. Os dados acima reforçam sua importância, haja vista que a maioria das pessoas que buscam o serviço não estão disponíveis à uma psicoterapia de frequência continuada, que o fato de terem o serviço disponível para a necessidade latente, já torna o mesmo resolutivo. Essa é uma ideia e perspectiva de clínica que surge diante da grande demanda de pessoas adoecidas psiquicamente, sendo esse adoecimento uma das consequências de uma sociedade globalizada, que tem sua performance a partir de uma lógica de mais valia (neo-capitalista). Constitui-se como uma prática clínica com o intuito de ressignificar o atendimento individualizado; surge como uma modalidade de atendimento proposta pelo Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) em 1969 (DUTRA E.; REBOUÇAS M. 2010). Assenta-se desde uma lógica de acolher as pessoas, suas angústias e diversos sentimentos em meio à potência e imersão subjetiva, ou seja, a ideia de um plantão psicológico é acolher no momento em que o sofrimento está latente.

O projeto de extensão Diz Aí, inova no plantão ao escutar as pessoas desde a interseccionalidade de raça, gênero, classe, entre outras. Uma escuta situada e comprometida com o lugar de enunciação tanto da psicoterapeuta, quanto da pessoa atendida. Foram vários os atendimentos em que ficou nítido a satisfação da pessoa atendida por ter tido seu sofrimento escutado, validado, legitimado seja a partir do relato de uma vivência de racismo, de transfobia, de machismo; seja a partir do sofrimento produzido pela experiência adicta a partir do alimento, da substância psicoativa, do amor; seja a partir da raiva se se sentir obrigada a ser cuidadora de outra pessoa. São muitas histórias, muitos contextos, muitos sentidos e sentires no encontro entre pessoa atendida e psicoterapeuta, situadas em um tempo-espço, cuja escuta é marcada pela interseccionalidade. Como referem ROSA e ALVES (2020, p. 10), “o ‘Diz Aí’ tem possibilitado a construção de uma escuta clínica politizada e engajada no enfrentamento ao racismo, sexismo e homo/transfobia, pois visibiliza, acolhe, reconhece e legitima as pessoas, suas narrativas e seus sofrimentos”.

GONZALEZ (2018), em seu tempo, já afirmava que o lugar de enunciação, o lugar em que nos situamos, produz efeitos sobre o modo como experimentamos e interpretamos o racismo, o sexismo e o classismo. A autora problematiza, por exemplo, os estereótipos em que são encapsuladas a existência da mulher negra a partir da ideia de mulata, doméstica e mãe preta (GONZALEZ 2018). Embora a autora não tenha utilizado o conceito de interseccionalidade, ele estava presente em sua produção intelectual, política e ativista.

PATRICIA HILL COLLINS (2021, p. 15-16), ao contextualizar os modos de uso e situar historicamente o conceito de interseccionalidade, oferece-nos uma “descrição genérica”:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.

A escuta clínica proposta pelo projeto de extensão “Diz Aí”, está pautada e comprometida com a pluriversidade de modos de existir, de ser e estar no mundo, cuja chave analítica é a interseccionalidade. Não obstante, PATRICIA HILL COLLINS (2021) salienta que a interseccionalidade deve ser tomada para além de instrumento de análise da realidade concreta, também um método de mobilização, luta e alianças programáticas para a emancipação coletiva. Eis por onde caminha a psicologia produzida pelo “Diz Aí”! Isto é, uma psicologia que se pensa-sente contextualizada social, cultural, econômica e historicamente, cujo seu grande instrumento de trabalho, a escuta, precisa se fazer inscrita e atravessada por epistemologias outras.

4. CONCLUSÕES

Em meio a esse processo de prática na formação em psicologia, foi possível perceber o agenciamento da interseccionalidade nas micro-violências, o papel das opressões de raça, gênero e classe no condicionamento de manutenção do controle de determinados corpos e, ao mesmo tempo, a importância da

interseccionalidade para a escuta clínica das subjetividades e singularidades produzidas por tais violências.

É preciso discorrer sobre as questões e fenômenos sociais para promover saúde, antes de fomentar a lógica dos diagnósticos da vida. Entretanto, reconhecer, validar e nomear as violências, as angústias e os sofrimentos produzidos pelo racismo, sexismo, cis-hétero-normatividade, classismo entre outras opressões, constitui-se como um processo denso, complexo e doloroso para todas as pessoas envolvidas - pessoa atendida e psicoterapeuta. Não obstante, é papel da formação em psicologia preparar futuros psicólogos e psicólogas para essa empreitada.

O plantão de acolhimento psicológico do “Diz Aí”, emerge como uma possibilidade de tornar-se psicóloga, cuja escuta clínica esteja atenta a essas questões. Um projeto potente, comprometido com uma clínica política que viabiliza às pessoas atendidas o exercício de “erguer a voz” (HOOKS, 2019), o movimento de romper com os silêncios (LORE, 2020).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROSA, E. G. DA .; ALVES, M. C.. Estilhaçando a Máscara do Silenciamento: Movimentos de (Re)Existência de Estudantes Negros/Negras. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, n. spe, p. e229978, 2020.

BENEDITO, M.S. & FERNANDES, M.I.A. **Psicologia e Racismo**: as heranças da Clínica Psicológica, São Paulo, v.40,1-16, 2020.

COLLINS, P. H. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

FANON, F. **Pele negra, Máscaras Brancas**. Ubu Editora. São Paulo, 2020. 4v.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, L. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Editora Filhos da África, 1980/2018, p 190-214.

HOOKS, b. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

LORDE, A. **Irmã Outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

REBOUCAS, M.S.S.; DUTRA, E.. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Revista abordagem Gestalt.**, Goiânia , v. 16, n. 1, p. 19-28, 2010.